

Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70 - 00187 - ROMA - Italia
tel. 00396 462 0121; fax. 00396 482 8267

Prot. 00970/97

CARTA CIRCULAR nº 12

Compaixão

**para uma abordagem franciscana do tema
Justiça, Paz e Ecologia**

**A todos os frades da Ordem
e às Irmãs Clarissas capuchinhas**

Estimados irmãos e irmãs,

**“Voltemos nosso olhar para Aquele que ferimos mortalmente ...
e nos plenifiquemos do espírito de compaixão”.**
(cf. Jo 19,37 e Zc 12,10)

- 1.1. *“Quem fecha o ouvido quando o pobre suplica, não terá resposta quando clamar”* (Prov 21,13). São Francisco, nosso irmão, sem dúvida foi um homem que escutou *“o grito do pobre”*. E o mesmo grito de sempre foi escutado por inumeráveis frades capuchinhos quando fr. Mateus de Bascio respondeu ao chamado que conduziu à formação da Fraternidade capuchinha. O IV Conselho Plenário da Ordem descreveu: *“ouvir o grito do pobre e responder com ações que levam à justiça e à transformação do mundo”,* tudo isto como *“parte integrante da nossa vocação franciscana”* (n. 86). É uma característica essencial da nossa espiritualidade franciscana e da fraternidade de testemunho evangélico que a nossa Ordem deve viver no mundo.

Uma visão fundada na oração e na contemplação

Francisco e a sua experiência de Deus

- 2.1.1. A vida, a visão e a atividade de Francisco foram formadas pela sua experiência pessoal de Deus. A doação total ao Senhor na fé, desde o início da vida o conduziu à completa doação de si ao amor de Deus e ao próximo até o fim de sua vida. *“Despojado de tudo o que pertence ao mundo, ei-lo somente a ocupar-se da justiça divina”* (1 Cel 15:FF 345). Intimamente ligada com a experiência de Deus é em Francisco a experiência do Crucifixo. Em São Damião, Francisco se avizinhou da imagem do Crucifixo como Moisés da sarça ardente: *“Prostra-se ... súplice e devoto”*. Em silêncio e adoração, Francisco descobre a autêntica dimensão da sua vida: *“De modo extraordinário, tocado pela graça divina, encontra-se totalmente transformado”*. E frei Tomás de Cellano prossegue, sublinhando: *“Daquele momento em*

diante, *fixou-se na sua alma santa a compaixão pelo Crucifixo*" (2 Cel 10: FF593-594).

2.1.2. As fontes franciscanas são cheias de expressões como: *"Conduzido pelo Espírito"* (2Cel 10:FF593) *"O Senhor me concedeu"*, *"O Senhor me disse"*, *"O Senhor me revelou"* (Testamento). Francisco se identificou com Jesus Cristo não tanto porque imitou sua vida e ações "exteriormente", mas porque foi plenificado pelo mesmo Espírito, por quem - como dizem os Evangelistas - era Jesus Cristo pleno. *"Logo depois, o Espírito o conduziu ao deserto"* (Mc 1,12). *"Jesus retornou à Galiléia com o poder do Espírito"* (Lc 4,14). Também Francisco foi um homem guiado e movido pelo Espírito.

Um mundo visto pela ótica de Deus

2.2.1. A sua experiência pessoal de Deus mudou a compreensão que Francisco possuía do mundo. A constatação do sofrimento de Jesus Cristo sobre a cruz torna-se para ele a porta para entrar numa relação nova com o mundo. Ele vê agora o Cristo Crucificado no centro de toda a criação, inclusive da família humana.

2.2.2. Um pobre não era mais simplesmente uma pessoa humana necessitada, mas um sacramento da presença de Cristo: *"Voltemos nosso olhar para Aquele que ferimos gravemente, desfigurando-o ..."*. Francisco era tomado pelo pensamento da generosidade de Deus, que havia dado aos homens a dignidade de serem irmãos e irmãs de Cristo e seus filhos adotivos. Por isso exorta aos seus frades a não desprezarem jamais alguma pessoa (Rb II, 17:FF81). Manselli faz notar que cada frade, se desejar ser autêntico, deve cultivar um "zelo total à fraternidade humana, em Cristo". Este foi o novo e revolucionário valor da mensagem evangélica de Francisco. O "Santo de Assis", com o seu abraço fraterno, deu um lugar privilegiado aos pobres e marginalizados. A motivação era diretamente relacionada com sua experiência de Jesus Cristo. Nos evangelhos, os pobres e marginalizados são os companheiros privilegiados da pessoa de Jesus Cristo e os primeiros que aceitaram a sua mensagem (cf. Lc. 4, 12-18).

2.2.3. O sentimento de fraternidade conduziu Francisco a voltar-se para o mundo, fraternidade esta que abrange toda a criação. Foi seduzido por aquilo que se poderia chamar de "fraternidade cósmica". Frei Tomás de Cellano descreve como Francisco via com profunda admiração a natureza humilde ... a luz, a água, o fogo, o vento, a terra, as plantas, os animais, as flores. Era capaz de ver as realidades ocultas da natureza. Não se contentava em louvar a Deus por suas criaturas: confraternizava e falava com elas *"com grande alegria, íntima e exterior, como se fossem dotadas de sentimento, inteligência e palavra para com Deus"* (Legper 49:FF1598). Todas as criaturas formam uma única família diante de Deus. Esta foi a atual e nova intuição de Francisco.

A missão de paz de Francisco

3.1. *"Deus, que nos reconciliou consigo mediante Jesus Cristo ... confiou-nos o ministério da reconciliação"* (2Cor, 5,18). A visão que Francisco tinha sobre Deus e o mundo o tornou apóstolo de paz e de reconciliação. O zelo pela paz foi uma característica especial da Ordem tanto que frei Tomás de Cellano descreve a vocação de Bernardo como a aceitação da missão de paz (cf. 1Cel 24:FF360). Uma missão que Francisco acreditava que lhe fosse confiada por Deus: *"O Senhor me revelou que dissesse esta saudação: o Senhor lhe dê a paz"* (Test 27:FF121). Com este mesmo modo saudava as criaturas como, por exemplo, quando se dirigiu a um grande

bando de pássaros reunidos num campo vizinho a Bevagna (cf. 1Cel 58:FF424). Recordava aos seus frades: *“A paz que vocês anunciam com a boca, tenham-na ainda mais copiosa em seus corações”* (Três Comp 58:FF469). E insiste: *“Esta é a nossa vocação: curar as feridas, enfaixar as fraturas, chamar outra vez os desgarrados”* (ib.).

A nossa missão de paz

4.1. O V Conselho Plenário da Ordem descreve assim esta nossa missão hoje:

“Francisco nos transmitiu um carisma especial em favor da paz, da justiça e da natureza. O ponto de vista do pobre é o lugar privilegiado do qual um filho de Francisco vê e proclama os valores. A reconciliação e o respeito pela criação são os meios que Francisco nos propõe para chegar à verdadeira paz e harmonia. Isto faz parte integrante da nossa vocação franciscana” (V CPO, n. 86)

4.2. A “missão de paz”, por sua mesma natureza, inclui a justiça. E, realmente, a paz sem a justiça não pode ser verdadeira paz. A doutrina social da Igreja foi expressa em centena de documentos. Não há dúvida de que a plena consciência dos pedidos de justiça em nosso mundo como uma séria resposta a isso é uma prova decisiva da fé e da espiritualidade. De todos os modos, o fato de que a nossa herança espiritual de franciscanos nos leve a conceber o nosso compromisso pela justiça com uma linguagem e imagem de paz e da reconciliação influi muito sobre o contributo que podemos dar e muito lhe determina estas características. Quais são, então, as especiais características desta nossa “missão de paz”?

A. O ponto de vista dos pobres

4.3.1. *“E o Senhor mesmo me conduziu entre eles (os leprosos) e usei com eles misericórdia”* (Test 2:FF110). A compaixão foi definida como a consciência espiritual da tragédia pessoal de um outro e a ternura esquecida de si com quem se relaciona. Não havia distinção em Francisco entre “a ternura esquecida de si” que provou diante da Cruz de São Damião e “a ternura esquecida de si” que experimentou no abraço ao leproso. Chama a atenção o fato de que no Testamento recorda somente esta última experiência. São Tomás de Aquino nota que a avidez “torna o homem incapaz de ter piedade” (Sum.theol. IIAe, q.118,a.8). A avidez mata a capacidade de ter compaixão. A pessoa ávida não se comove diante da miséria alheia. Francisco se faz pobre e isto lhe dá liberdade de coração para a compaixão. O V CPO mostra que o ponto de vista dos pobres é “o lugar privilegiado” do qual podemos proclamar os valores da justiça, da paz e do respeito pela natureza. Um tal ponto de vista é alimentado pela fraternidade, baseada na pobreza e plena de compaixão pelo crucifixo, *“Aquele que traspassamos”*.

4.3.2. Este “esquecimento de si” conduziu os frades a inúmeras iniciativas para com os pobres. Cada uma destas iniciativas foi ditada pela experiência de genuína compaixão: um frade ou um grupo de frades que tiveram consciência da “tragédia pessoal” sofrida por uma ou mais pessoas e que começaram a servir estes necessitados com as próprias mãos. Todavia, quando tais serviços foram institucionalizados, os frades tiveram sempre a tendência de assumirem os aspectos administrativos, deixando freqüentemente a empregados remunerados o serviço diretamente com os pobres. No contínuo renovamento destes preciosos serviços, as Províncias devem assumir a atitude de Francisco, que ao fim da vida *“esperava poder recomeçar tudo outra vez. Queria retomar o serviço dos leprosos”* (1Cel

103:FF500). Talvez poderia fazer parte do plano pastoral de cada Província, o fato de ter ao menos uma iniciativa específica da própria Província, onde os frades servem os pobres com as suas próprias mãos. E assim como a identificação de Francisco com os pobres nasce da sua experiência pessoal com os leprosos, tal experiência fundamental da espiritualidade franciscana conduziu um crescente número de Províncias a colocar este empenho direcionado nas obras de misericórdia corporal, como parte essencial da experiência de formação do pós-noviado (cf. Lett. circ. n.9, parágrafo.3.7.).

- 4.3.3. Particularmente na América Latina (mas também em outras áreas), o V CPO fez nascer um considerável número de “experiência de inserção entre os pobres ... e resultou em um dever para fazer sentir o autêntico grito dos pobres, que a nossa Ordem possua fraternidade entre os pobres” (V CPO, n.92). O motivo inspirador desta iniciativa foi a compaixão, acompanhada pelo desejo de compartilhar a vida, a experiência e as aspirações dos pobres. O objetivo da inserção foi aquele de imitar em todos os modos possíveis as condições de vida daquela gente. Há mais ou menos uns dez anos esta “experiência de inserção” foi avaliada à luz de outros valores essenciais do nosso carisma capuchinho, especialmente a fraternidade e a oração. A síntese dos valores vividos ali, evidencia a força evangélica desta forma de testemunho.
- 4.3.4. Numa Carta endereçada à nossa Ordem, aos 18 de setembro de 1996, o papa João Paulo II nos solicitava a ter um tipo de vida fraterna tal que pudesse constituir “um ponto de referência cordial e acessível aos pobres”. Em muitas das fraternidades européias dos tempos passados, existia um refeitório para os pobres, vizinho à porta principal. Ali os viandantes e os pobres encontravam um acolhimento caloroso, humano e digno. As palavras do papa e a tradição da nossa Ordem nos convidam, quando nos reunimos como frades para o capítulo local, a fazer um exame de como é o acolhimento que reservamos aos pobres que batem à porta do nosso convento.
- 4.3.5. O V CPO indica claramente que “o ponto de vista dos pobres” deve ser o ponto de referência para nós capuchinhos, para o nosso modo de conceber a paz, a justiça e o respeito à natureza. Talvez seja por isso que fr. Jacques Bélanger, ex-definidor geral e primeiro presidente da Comissão internacional de Justiça, Paz e Ecologia, deu a sugestão para que cada Província ou região da Ordem tenha uma casa de oração, indicada pelas Constituições e uma fraternidade de inserção, indicada pelo V CPO. A nossa identificação com os pobres, como fraternidade, vem expressa pelos nossos compromissos de serviço, por nossas experiências de inserção como fraternidade e como indivíduos e pela qualidade da hospitalidade em nossa fraternidade. São estas as experiências que modelam as fraternidades e as tornam plenas daquela genuína compaixão que Francisco descobriu contemplando a Cruz de São Damião e abraçando o leproso. Tais experiências imediatas delineiam e formam também a perspectiva da qual a nossa Ordem pode julgar e responder às causas estruturais da pobreza e do sofrimento humano em nosso mundo. Partindo da experiência da compaixão nós - como indivíduos e como fraternidade - podemos contribuir com a causa dos pobres e dos oprimidos, através dos nossos meios espirituais e intelectuais. Com a ajuda das ciências sociais podemos ajudar os pobres e todas as pessoas de boa vontade a compreender que a desigualdade entre os homens não é resultado da vontade de Deus mas o resultado da maldade humana, que deve dar lugar à mudança e à conversão. Recordo as palavras atribuídas a Dom Helder Câmara: “Quando dou de comer a um pobre sou chamado cristão; quando peço porque é um pobre, denominam-me de comunista”. Creio que não devemos ter medo de fazer estas perguntas e de pedir a outros também

para fazê-las. O novo e freqüente nome de pobreza é “exclusão social”. Em nome do evangelho não devemos ter medo de perguntar porque em nações ricas, alguns são excluídos da riqueza nas suas diversas formas (alimento, habitação, educação, saúde, etc.).

B. *Um estilo simples de vida*

4.4. Há uma importante afirmação de Francisco que assume um novo significado para nós no mundo atual, no qual tudo é interligado:

“Jamais fui ladrão. Quero dizer que das esmolas, as quais são a herança dos pobres, recebi sempre menos do quanto necessitasse, com o fim de não tomar a parte devida aos outros pobres. Fazer diversamente seria roubar” (Legper 111:FF 1670)

É um fato bem documentado que os exploradores, considerados como normais nas sociedades consumistas, devoram os recursos que seriam necessários para atender as necessidades vitais dos pobres do mundo. O impacto desastroso destes exploradores sobre o ecossistema em nosso planeta é também igualmente bem documentado. Estes fatos dão um novo apoio aos nossos esforços que se dirigem para o desenvolvimento de um estilo de vida simples. A austeridade de vida, assim bem descrita nos capítulos 4 e 7 das nossas Constituições, cria um estilo de vida que não ofende os pobres nem desfruta de modo desordenado os recursos do mundo.

C. *Renúncia à violência*

4.5. “São verdadeiramente pacíficos aqueles que suportam todas as contrariedades neste mundo, por amor de nosso Senhor Jesus Cristo, conservando a paz na alma e no corpo” (Am 15:FF 164). Francisco nos estimula a buscar em nosso íntimo as raízes profundas da paz como também dos impulsos às agressões. Isto é particularmente urgente para aqueles que trabalham para mudar as causas estruturais da pobreza no mundo atual. Se não conseguimos desmascarar os nossos motivos pessoais de ira, a própria luta pela justiça pode constituir uma desculpa para desafogar as frustrações pessoais. O V CPO afirma: “Parte integrante da conversão de Francisco foi a sua renúncia à violência” (V CPO, n. 96). A nossa presença nos movimentos que promovem a justiça deve ser fermento de reconciliação e de não-violência. Modernos guias espirituais como Gandhi e Martin Luther King estavam convencidos de que aqueles que usam a força são contaminados pelo mesmo mal contra o qual combatem. A não-violência não é passiva. Gandhi identificava a não-violência com a verdade: “A estrada da paz é a estrada da verdade ... O homem que busca a verdade é ainda mais importante daquele que busca a paz”. O nosso cuidado pela não-violência inclui a renúncia à reação cotidiana de violência, que é parte notável do divertimento moderno (cf. Carta cir. n.4. parágr. 4.2.). Também as cartas e declarações do papa João Paulo II sempre mais nos convidam a renunciar todo tipo de violência institucional, como a pena de morte e as sempre mais duras formas de torturas.

D. *O serviço da reconciliação*

4.6.1. “Deus ... nos reconciliou consigo mediante Jesus Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação” (2 Cor 5,18). Quando lemos isto que foi escrito sobre Francisco e os primeiros frades na “Legenda perusina” e nos “Fioretti”, compreendemos de nos encontrar diante de operadores da reconciliação. Uma característica notável é a grande diversidade dos instrumentos usados para a mesma reconciliação:

- ⇒ Para levar a paz ao Burgo Montecasale e reconciliar os ladrões os frades prepararam uma refeição com pão e vinho em abundância (Fior XXVI:FF 1858).
- ⇒ Para libertar Arezzo dos demônios do ódio e da guerra Francisco enviou o santo pregador frei Silvestre (Legper 81:FF 1637).
- ⇒ A introdução de uma nova estrofe do “Cântico das criaturas” fez com que se reconcilassem o bispo e o prefeito de Assis (Legper 44:FF 1593).

4.6.2. Lendo estas belas narrativas, seguidamente me pergunto como Francisco chegou a escolher estes “instrumentos” de reconciliação: pão e vinho em Montecasale, frei Silvestre em Arezzo, um canto em Assis. *“Onde abundou o pecado, superabundou a graça”* (Rom 5,20). Francisco teve a intuição evangélica de buscar os sinais da redenção exatamente onde a ausência era mais evidente. A injustiça em nosso mundo raramente é eliminada simplesmente pelos grandes gestos. Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, disse que “os importantes eventos da história são os milhares de ações humildes que reconciliam e curam. Francisco foi ao Sultão. Todavia os seus esforços mais criativos para mudar a sociedade do seu tempo foram encontrados nas “humildes ações que curam” que ele fez na Úmbria e no Vale de Rieti. *“A sabedoria ... é encontrada por qualquer pessoa que a busque ... e a encontrará sentada na sua porta”* (Sab 6, 12-14). O Espírito Santo está operando a transformação do mundo. Deve ser especial dom dos franciscanos, sobretudo daqueles que desejam, com grande paixão, a mudança nas estruturas da nossa sociedade, descobrir os novos e dinâmicos instrumentos de justiça e de reconciliação que continuamente se manifestam no mundo. Isto requer uma visão contemplativa da fé. Como Francisco, comecemos por descobrir as forças da esperança que estão presentes em nossa porta!

Animar a missão de paz

5.1. Depois de haver indicado a missão de paz, de justiça e de respeito pela natureza como “parte integrante da nossa vocação franciscana”, o V CPO justamente faz o apelo a um programa concreto de animação (V CPO, n.97). A Cúria geral, como muitas Províncias da Ordem, respondeu com a criação de secretariados e comissões que executam esta importante tarefa. Muitos frades estão cansados deste esforço. Vêm poucos resultados chegarem de uns milhares de grandes e pequenas iniciativas assumidas pelos confrades para promoverem a paz, a justiça e o respeito pela natureza. Todavia a primeira mudança a ser buscada é aquela do nosso coração e da nossa fraternidade. As nossas fraternidade são chamadas a serem “ponto de referência cordial e acessível” para aqueles que têm sede de justiça e de autêntica fraternidade no mundo. Onde já existem secretariados e comissões, façamos de modo que estes possam conduzir e coordenar as nossas reflexões, os nossos esforços. Esperamos, pois que as Províncias que não possuem tais comissões sejam inspiradas a constituí-las a fim de que esta dimensão essencial da nossa espiritualidade possa transformar uma realidade mais visivelmente vivida.

5.2. Um tratado de espiritualidade do século XIV afirma: “A alma criada no homem tem dois olhos: um (o direito), representa a capacidade de olhar ao eterno; o outro (o esquerdo) olha o tempo e o mundo criado”. Das fontes primitivas é evidente que Francisco era capaz de ver com “todos os dois olhos da alma”. Francisco olhava o mundo com os olhos de Deus. Como Francisco, devemos aprender a olhar o mundo com “os dois olhos da alma”. A justiça não é uma abstração ou um conceito sem vida. Olhar a pessoa de Cristo, pobre e crucificado, poderia ser descrito como o ver com “o olho direito da alma”. Com “o olho esquerdo” devemos olhar o mundo que Jesus Cristo veio salvar. Esta visão se formará em nós quando lermos os documen-

tos da Igreja e refletirmos sobre a realidade do nosso mundo à luz da mensagem evangélica. Vendo o sofrimento da humanidade e a degradação do ecossistema, à luz da cruz podemos, como Francisco nos encher de compaixão. É esta compaixão que impedirá a nossa busca de justiça num degenerado e áspero individualismo ou em um coletivismo igualmente sem piedade. Ao mesmo tempo, a constante reflexão sobre a doutrina social da Igreja nos assegurará que a espiritualidade não venha a ser uma fuga da cruciante realidade do nosso mundo. Somente esta dupla visão pode preservar a perspectiva que recebemos de Francisco.

Talvez a fraternidade local pudesse refletir sobre estas duas questões:

1. O que nos leva à compaixão quando observamos o ambiente circunstante, no qual vivemos?
2. Qual ação específica podemos realizar/ qual gesto específico podemos fazer para expressar a esta compaixão?


Conclusão

Certamente o Advento terá iniciado quando esta carta chegar em muitas de nossas fraternidades. Que a palavra de Isaías, o grande profeta da justiça, possa abrir os olhos da nossa alma à vontade de Deus para com o seu povo:

*“Transformarão suas espadas em arados e
as suas lanças em foices;
um povo não levantará mais a espada contra outro,
e nem se exercitará mais na arte da guerra” (Is 2,4).*

Quando o tempo da oração e da preparação desemboca no tempo da celebração do Natal, inspiremo-nos em Maria e José, que fizeram a experiência real do “ponto de vista dos pobres”. Marginalizados e rejeitados, eles foram aqueles a quem Deus revelou a vida de bênção e de paz. Aprendamos deles a criar espaço para os pobres em nossa vida.

Fraternalmente,


fr. John Corriveau, OFM Cap.
Ministro geral

Roma, 01 de novembro de 1997
Festa de *Todos os Santos*